



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

Artigos de demanda contínua

---

## A ESCOLA COMO PRESERVAÇÃO DA CULTURA - O MODELO POLONÊS

---

Nelsi Antonia Pabis<sup>1</sup>

Mario de Souza Martins<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo recuperar a história das escolas de imigração polonesa em Irati, como forte instrumento de preservação da cultura. Os dados apresentados foram obtidos por meio da memória de três ex-alunos que frequentaram escolas diferentes na década de 1930, antes da proibição do ensino em língua do imigrante, pelo estado brasileiro. Nesse período, apesar da existência de decretos estaduais, indicando a necessidade do ensino na língua vernácula, percebe-se a permanência do ensino na língua polonesa, até o decreto de nacionalização do ensino, momento em que acontece a desconstrução da cultura do polonês. O processo de nacionalização atinge não só a questão do ensino, mas todas as instâncias da cultura polonesa, principalmente a religião que é a base dessa cultura. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizando-se como um estudo de caso. O instrumento utilizado para a coleta de dados

foi a entrevista com perguntas abertas, dando aos entrevistados total liberdade de expressão e recorrendo a sua memória como fonte de compreensão da sociedade daquele período. Os relatos sobre o cotidiano escolar apontam que os conteúdos, em sua maioria, tratavam da terra natal dos imigrantes. Será apresentada uma breve abordagem a respeito da situação da Polônia no final do século XIX. Também uma abordagem sobre o município de Irati, como um dos municípios que recebeu grande número de imigrantes, com maior ênfase nos poloneses e o histórico das três escolas onde os entrevistados estudaram. Como referência serão utilizados, Wachowicz (2002), Orreda (1972, 2007), Félix (2003) dentre outros.

### PALAVRAS-CHAVE

Imigração. Memória. Escola Polonesa. Cultura.

## ABSTRACT

This article aims to recover the history of the Polish immigrant schools in Irati, as a strong tool for preserving culture. The research is based on interviews made with former students who attended different schools in the 1930s, before the ban on education in the language of immigrants by the Brazilian state. In this period, despite the existence of state decrees indicating the need of education in the vernacular language, realizes the permanence of teaching the Polish language to the decree on the nationalization of education, when it happens the deconstruction of the Polish culture. The nationalization process did not affect just the education but all instances of Polish culture, mainly the religion that is the basis of that culture. The case study is a qualitative research and the instrument used for data collection was the interview with open questions, giving to the respon-

dents' full freedom of expression and using his memory as a source of understanding of the society of that period. The reports of the daily school indicate that the contents, mostly dealing with the native country of the immigrants. After a brief introduction into the situation of Poland in the end of the nineteenth century, there will be also given a brief introduction into the situation of the municipality of Irati, one of the municipalities that received large numbers of immigrants, with emphasis on the history of Polish and the three schools where the respondents studied. Will be used as a reference, Wachowicz (2002), Orreda (1972, 2007), Félix (2003) among others.

### KEYWORDS

Immigration. Memory. Polish School. Culture.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo recuperar la historia de las escuelas de la inmigración polaca en Irati, como una fuerte herramienta para la preservación de la cultura. Los datos se obtuvieron a través de la memoria de los tres ex alumnos que asistieron a diferentes escuelas en la década de 1930, antes de la prohibición de la educación en el idioma del inmigrante, por el Estado brasileño. En este período, a pesar de la existencia de los decretos estatales que indican la necesidad de la educación en la lengua vernácula, se percibe la permanencia de la enseñanza en la lengua polaca. Pero, el decreto sobre la nacionalización de la educación, colabora en la deconstrucción de la cultura polaca. El proceso de nacionalización no sólo afecta a la cuestión de la educación, pero también, a todas las instancias de esa cultura, especialmente la religiosa. Se trata de una investigación cualitativa caracterizado como un estudio de caso. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue

la entrevista con preguntas abiertas, dándose a los encuestados plena libertad de expresión y el uso de la memoria como fuente de conocimiento de la sociedad de la época. Los informes indican que los contenidos que eran tratados en la escuela entre los inmigrantes, en su mayoría, decían respecto a los asuntos de la patria de origen. En el presente, también, se presentará un breve planteamiento sobre la situación de Polonia a finales del siglo XIX, y se discutirá el término municipal de Irati, como uno de los municipios que han recibido un gran número de inmigrantes, con énfasis en la historia de Polonia y las tres escuelas en las que los encuestados estudiaron. Se utilizará como una referencia, Wachowicz (2002), Orreda (1972, 2007), Félix (2003) entre otros.

### PALABRAS CLAVE

Inmigración. Memoria. Escuela polaca. Cultura.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo recuperar a história da escola de imigração polonesa na cidade de Irati-Paraná, por intermédio da memória de três alunos que frequentaram diferentes escolas na década de 1930, antes da nacionalização do ensino no Brasil. Nesse contexto, a memória é entendida como “um ato de evocação, isto é, o ato de recuperar mentalmente a imagem; portanto, é um ato de representação do real que se dá através de imagens mentais, pois o passado enquanto tal não volta” (FÉLIX, 2002, p. 23).

Na evocação da memória a ênfase foi nas questões pedagógicas como as disciplinas que estudavam, metodologia utilizada pelo professor, os materiais didáticos que eram utilizados, os critérios de avaliação, a relação professor-aluno. A partir dos dados obtidos objetiva-se demonstrar que as escolas polonesas daquela época se constituíram em forte elemento para a preservação dessa cultura.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de campo, caracterizando-se como estudo de caso. O instrumento para coleta de dados foi a entrevista com perguntas abertas, possibilitando aos entrevistados que conduzissem as respostas de acordo com a sua memória. Optou-se em trabalhar com a memória mesmo tendo clareza que “lidar com memória é mexer com gente, com interpretações presentificadas e, por que não dizer, intencionalizadas” (TEDESCO, 2002, p. 9). As anotações eram feitas pelo pesquisador em diário de campo.

Para contextualizar o objeto de estudo serão apresentados aspectos a respeito da situação política, econômica e cultural da Polônia no final do século XIX, destacando os possíveis fatores que motivaram muitos poloneses a deixarem a sua terra em busca de melhores perspectivas de vida. Também, elementos a respeito da situação geográfica e eco-

nômica de Irati, período em que aconteceu o grande fluxo migratório para o Brasil, e Irati como local que recebeu muitos imigrantes, sendo significativo o número de poloneses.

Em seguida um breve histórico sobre a criação das escolas polonesas em Irati como uma aspiração dos imigrantes. Os depoimentos dos egressos destas escolas forneceram elementos para se compreender que estas escolas se constituíram em importante instrumento para a preservação da cultura polonesa na região. Como referência foram utilizados Orreda (1972, 2007) Tedesco (2002), Wachowicz (2002), Delgado (2006), Orreda (1972, 2007), Todorov (2006) dentre outros.

## 2 A POLÔNIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A história da Polônia é marcada pelo enfrentamento de grandes batalhas. Consta nos Cadernos de História publicados pelo Memorial do RS (ANO, p. 2), que “Napoleão disse, certa vez, que geografia é destino”. Com esta frase Napoleão queria enfatizar que os países e povos têm sua existência e cultura determinada pela situação que ocupam no mapa geopolítico do continente a que pertencem, e que a nenhum outro país europeu aplica-se melhor esta frase que a Polônia, nação eslava situada na Europa do Leste, “fronteira entre dois mundos hostis”.

As terras polonesas separam dois mundos culturais, étnicos e religiosos muito distintos: o germano e o eslavo. Além disso, a Polônia é um país “[...] de extensas planícies, destituído de proteções naturais” o que contribuiu para traçar a sua vida e sua história nos últimos séculos. Consta, também, nesses cadernos que quando os vizinhos estavam em paz entre si, tendiam a partilhar o território polonês entre eles; quando estavam em guerra, faziam-na sobre as terras polonesas. Os historiadores apon-

tam como fator que colaborou para a debilidade política do reino polonês o fato da *Szlachta*, a nobreza polonesa,

[...] não ter jamais aceitado a existência de um sistema centralizado, algum tipo de monarquia absolutista como a que vingou na França, na Espanha e em outros países europeus a partir do século 16, que, entre outras coisas mostrou-se um instrumento eficaz na defesa do estado nacional em construção.

No final do século XVIII, a Polônia foi dividida pelas potências vizinhas: Prússia, Rússia e Áustria. De acordo com Wachowicz (2002, p. 16) uma análise dessa divisão “possibilitará o conhecimento do tipo de imigrante que veio para o Brasil, o que mais ambicionava, e o alcance do seu esforço para satisfazer o próprio desejo de maior instrução e progresso”.

Todo esse esforço para maior instrução fica bem evidenciado nas escolas que construíam, já que aqui não as encontraram e, no tipo de ensino que era realizado. Outra expectativa era pela aquisição de terras para realizar as plantações, pois a maioria dos imigrantes eram camponeses. Além destas expectativas, também, buscavam a liberdade, pois não admitiam que fossem proibidos de professar a sua fé na língua de sua pátria, que as escolas polonesas fossem fechadas dentro do território que era a Polônia (KOZOWSKI, 2003).

De acordo com Wachowicz (2002) nos três domínios, prusso, russo e austríaco o problema era semelhante: o agrário. No domínio prussiano, as autoridades alemãs prometiam uma reforma agrária. Foi nesse período que aconteceram as repercussões da Revolução Francesa e posteriormente a ação de Bonaparte “aceleraram a emancipação do campônio polonês das suas obrigações ainda feudais para com seus senhores, estrutura esta que perdurava no país. Estas mudanças provocaram maiores reivindicações do campesinato”. Outro fator que contribuiu para que o povo lutasse por seus direitos e mais liberdade foi o “elevado índice demográfico”.

Aconteceram tentativas de reforma agrária, mas de acordo com Wachowicz (2002) estas reformas realizadas após a revolução de 1848, não satisfizeram as aspirações dos colonos. As propriedades retalhadas em lotes de um a seis alqueires, não eram suficientes para manterem uma família numerosa, como era a maioria das famílias camponesas. Entre esses pequenos lotes existiam alguns latifúndios, os *folwark*, pertencentes à nobreza ou abastados proprietários, geralmente germânicos. Esta situação obrigava os pequenos proprietários a empregarem-se como trabalhadores dos *folwark*, pois não conseguiam tirar de sua propriedade o sustento e o pagamento de impostos e assim muitos iam se desfazendo das propriedades e os germânicos iam adquirindo.

A tomada do território pelos prussianos, além de agravar o problema agrário, passou a afastar a língua polonesa das escolas, abrindo espaço para ensinar em alemão. De acordo com Wachowicz (2002, p. 17) os dominadores

[...] tinham interesse em fazer com que as crianças esquecessem a língua pátria, convertendo inicialmente as escolas em bilíngües, sendo mais tarde proibido o polonês nas mesmas; impuseram inclusive a língua alemã na administração e em todos os tribunais; essa germanização forçada queria fazer alemães dos eslavos, porém esse intuito defrontou-se com a teimosia e o patriotismo do lavrador polonês, com grande resistência da mulher polonesa e a desmedida dedicação da mãe polonesa.

Para Iaruchinski (2000, p. 18), “apesar dos desmembramentos e divisões, os polacos mantiveram o sentimento de unidade cultural e étnica.” Isso é demonstrado no fato de preservarem o idioma por meio dos ensinamentos que as vovós faziam em casa. As mães como as avós incutiam nas crianças o amor à terra subjugada, transmitiam as primeiras letras, principalmente naquelas famílias que se negavam a enviar os filhos às escolas alemães (WACHOWICZ, 2002).

Com isso parte da população passou a não enviar os filhos para a escola. Os pais temiam “a germanização dos seus filhos, uma vez que a frequência escolar não era obrigatória para as crianças polonesas.

Afastavam-se os poloneses do governo ou do corpo de jurados e procurava-se germanizar os nomes geográficos”.

Todos estes elementos apontam as dificuldades que os poloneses viviam. Para Wachowicz (2002), essa situação de constrangimento em sua própria terra, o grande contingente de desempregados, como decorrência a fome, a pobreza, o grande crescimento da população, os pesados impostos, a perseguição religiosa levaram os poloneses da parte prussiana a imigrarem, para outras regiões alemãs, para outros países europeus, para as Américas. Estima que até o período da guerra, aproximadamente 1.300.000 pessoas abandonaram o domínio prussiano.

Nos domínios russo e austríaco, a situação era semelhante a do domínio prusso. Além da exploração econômica e a tentativa principalmente russa de “despolonizar as populações anexadas, somasse o agravante do grande índice da analfabetismo: 60% no domínio russo e 41% no austríaco” (WACHOWICZ, 2002, p. 18). Este índice era bem mais elevado que o domínio prusso apontado como de “3% apenas”.

De acordo com Szawieski *apud* Wachowicz (2002, p. 18):

a imigração da parte austríaca, chamada de Pequena Polônia demorou a desenvolver-se devido a distância do mar, e ao atraso cultural e econômico. A maioria da população ocupada com a lavoura era de nível cultural muito baixo. A indústria e o comércio, muito fracos, absorviam o pequeno número de habitantes e em todos os setores dominava uma estreita burocracia.

Todas estas questões impediam que a imigração acontecesse.

A exploração econômica na parte russa era muito grande. O governo czarista forçava toda a exportação para o seu território, podendo dessa forma ditar os preços dos produtos agrícolas à sua vanta-

de. A situação agrária na parte russa e austríaca era pior que na prussiana. As propriedades eram muito pequenas e dela as pessoas não conseguiam sobreviver. Na parte russa a média das propriedades maiores era de 10 ha, das menores de 8 ha; já na austríaca as maiores eram de 7 ha e as menores de 3 ha (WACHOWICZ, 2002).

A exemplo dos compatriotas da parte alemã, essas populações foram sendo dominadas pela ideia de imigrar.

O período que se estendeu de 1889 a 1892 é conhecido como a febre brasileira, quando milhares de colonos e proletários dirigem-se preferencialmente para o Brasil, empolgados pela propaganda dos agentes do governo brasileiro e pelos corretores das agências de imigração os quais ganhavam um mil réis por imigrante recrutado (WACHOWICZ, 2002).

De acordo com o mesmo autor, devido a todos esses fatores adversos, grande parte da população polonesa foi atraída pelas promessas e perspectivas de uma vida cheia de liberdade e de enriquecimento no novo mundo. Imigraram para se tornarem proprietários de terras, aspiração que lhes era negada em sua própria terra de origem. No século XIX o maior fluxo emigratório foi para os Estados Unidos e em segundo lugar para o Brasil, especificamente para os Estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Quanto às imigrações, de acordo com Wachowicz (2002, p. 19) “emigra todo o tipo de elemento, até mesmo alguns respeitáveis proprietários de terras, os quais aparentemente não tinham motivos para abandonar seu país, mas que o faziam atraídos pela vida fácil e livre”. E acrescenta que na sua grande maioria os imigrantes eram camponeses pobres e atrasados.

Com todos os fatores adversos que enfrentavam, com todas as suas limitações, pobres e analfabetos, aspiravam por uma vida melhor, fator que foi decisivo para que a imigração acontecesse.

### 3 OS IDEAIS DOS IMIGRANTES

Os poloneses viviam uma situação de muitas adversidades na sua terra natal e, como todo ser humano, tinham ideais, aspirações. Para Ferreira (2004, p. 738) “ideal é a síntese de tudo a que aspiramos, de toda perfeição que concebemos, ou que se pode conceber.” Refere-se a algo que se almeja e se pretende concretizar. Aspiração de acordo com o mesmo autor refere-se a “um desejo ardente” (FERREIRA, 2004, p. 146).

Os poloneses desejavam ardentemente melhores condições de vida. Aspiravam pela liberdade que não tinham em sua terra natal, além de se tornarem proprietários de terras para poderem cultivá-las, o que na Polônia, também, não conseguiam e proporcionar instrução para seus filhos.

Portanto eram motivados pela possibilidade da realização destes ideais. Atraídos pelas promessas das companhias recrutadores do Brasil os imigrantes que aqui chegaram se depararam com muitas dificuldades. Dentre elas a falta de estradas, terras muitas vezes pouco férteis, falta de igrejas e escolas para os filhos estudarem, enfim sem nenhuma infraestrutura. E ainda a questão do isolamento. Para Chelmicki (2010, p. 304)

assim como a floresta virgem apavora com tenebroso mistério, causando ao mesmo tempo admiração pela grandiosidade da natureza selvagem, assim o sertão aborrece com sua monotonia, deprimindo pela vastidão inalcançável aos seus olhos.

O distanciamento das famílias e comunidades levava à monotonia e ao desânimo. Não tinham uma experiência com o distanciamento. “O imigrante polonês procedia de uma realidade diferenciada do meio rural e urbano. Em geral, vivia no seu habitat rural relativamente urbanizado, inserido no contexto europeu” (WENCZENOVICZ, 2010, p. 27).

Uma das razões para que os imigrantes poloneses vivessem essa situação é o fato dessa imigração “não

ter sido planejada, orientada e nem dirigida por entidades colonizadoras polonesas, ou quaisquer outras” (WACHOWICZ, 2002, p. 21). Cada imigrante ou grupo de imigrantes tinham que lutar sozinho por seus ideais. “Cada colônia é um mundo próprio, isolada das atividades das outras, formadas igualmente por seus patrícios” (WACHOWICZ, 2002, p. 21).

Embora cada família ou comunidade vivesse isolada, carregava normas, valores adquiridos em sua terra natal. Para Woodward (2009, p. 41) “cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas de classificação que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados”. Na cultura estão implícitos os valores, os hábitos, expectativas, costumes que envolvem as formas de vestimenta, linguagem, alimentação, religiosidade de um grupo humano. Os poloneses, como as demais etnias possuem as suas características, uma delas é o forte sentimento e prática religiosa, razão de um padre sempre estar acompanhando os grupos. O padre era considerado uma autoridade, na medida em que era o intelectual.

Ao chegarem, procuravam se estabelecer adquirindo terras para o cultivo, aspiração ainda lá na Polônia. Em seguida procuravam construir suas casas e as estradas que possibilitariam a comunicação e o escoamento dos produtos. Em seguida deliberavam sobre a construção da capela ou igreja e procuravam trazer um sacerdote. Próximo passo: deliberar sobre a alfabetização de seus filhos (WACHOVICZ, 2002). Deliberar envolvia decidir sobre a construção da escola que eles mesmos concretizavam e a contratação de professor, pois não havia escolas públicas disponíveis nas regiões onde se instalavam.

Acredita-se que mesmo dentro de condições precárias e enfrentando muitas dificuldades, os imigrantes aqui chegados estavam realizando os seus sonhos, quais sejam o de tornarem-se proprietários de terras, reunirem-se em comunidade para professar a fé e a de

instruir os seus filhos. Também a liberdade ao poderem circular livremente e professar a sua fé. Aspecto que deveria ser gratificante era o ensino ministrado na língua polonesa, assim como as atividades religiosas. Portanto, se por um lado tinham que arcar com os custos de construção das escolas e sua manutenção, por outro lado, eram beneficiados com o ensino na língua de sua terra natal, com a qual se identificavam, ao tempo em que a cultura estava sendo preservada.

Mas não se pode desconsiderar os obstáculos. Quanto a dificuldade da imigração, Todorov (1999, p. 27) coloca a seguinte reflexão:

o homem desenraizado, arrancado de seu meio, de seu país, sofre em um primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência. Aprende a não mais confundir o real com o ideal, nem a cultura com a natureza: não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos. Às vezes ele fecha-se em um ressentimento, nascido do desprezo ou da hostilidade dos anfitriões. Mas, se consegue superá-lo, descobre a curiosidade e aprende a tolerância. Sua presença entre os “autóctones” exerce por sua vez um efeito desenraizador, confundindo com seus hábitos, desconcertando com seu comportamento e seus julgamentos, pode ajudar alguns a engajar-se nesta mesma visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto.

O fato de estar em uma outra terra, sem o domínio da língua, talvez o desconhecimento das leis, etc. deve ser uma experiência inigualável: por um lado o novo, a esperança de realização de ideais, aspirações, por outro o ressentimento pela hostilidade dos que aqui estavam, que leva a um aprendizado da tolerância, enfim de reconstrução. Diante destas situações pergunta-se: realizaram os seus ideais, suas aspirações? O que viveram teria sido uma utopia? Para Mannheim (apud KLEIMAN, 2011, p. ?), “utopias são entendidas como estado de espírito incongruente com um estado de realidade dentro do qual se insere. Toda utopia será sempre irrealizável parcialmente, apenas do ponto de vista daquele momento histórico”.

## 4 IRATI E A IMIGRAÇÃO POLONESA

Irati é um município situado na região centro-sul do estado do Paraná. De acordo com Farah (2007), segundo medição realizada pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social IPARDES a “extensão territorial do município de Irati é de 998,30 km<sup>2</sup>” (FARAH, 2007, p. 8). Sua instalação solene ocorreu no dia 15 de julho de 1907.

Sobre o povoamento, Orreda (1972, p. 3), destaca que “aproximadamente em 1890, diversas famílias procedentes de Campo Largo, Palmeira, Itaiacoca e Assungui começaram a fixar-se em Covalzinho”. Covalzinho foi o primeiro nome que o povoado recebeu. “Em 1899, com a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo/Rio Grande localizava-se a sede do município” (ORREDA, 1972, p. 3). A região era coberta de pinheiros, ervais e conhecida pela fertilidade do solo, o que atraía muitas pessoas.

Observando as características físicas como muitos hábitos e costumes dos iratienses, pode-se dizer que sua população é multicultural, principalmente com descendentes dos imigrantes do leste europeu. Grande foi o número de poloneses que aqui chegaram. “Aproximadamente entre 1904 e 1911, alguns com recursos próprios, outros subvencionados pelo governo, chegaram os primeiros imigrantes poloneses a Irati, dedicando-se em sua maioria à lavoura” (ORREDA, 2007, p. 9).

O primeiro núcleo de imigrantes poloneses em Irati instalou-se na Serra dos Nogueiras. “Em 1904 havia aí 30 famílias polonesas, em 1910 se dirigiram a Gonçalves Júnior, e depois para Itapará, juntamente com os ucranianos” (ORREDA, 1972, p. 65).

Pelo conhecimento que se tem, por meio de diálogos com os descendentes de poloneses residentes em Irati, e por relatos apresentados por Filipak (1980), a maioria dos imigrantes poloneses que para aí vieram eram provenientes da Galícia, região da Polônia austríaca e, de acordo com os dados apresentados acima, ha-

via muitos analfabetos e enfrentavam sérios problemas agrários como a escassez de terras, desemprego.

De acordo com Filipak (1980, p. 121), “nos idos de 1920, Irati despontava como o Eldorado paranaense”. As terras eram extensas, era o início do povoamento e, além disso, terras férteis para a agricultura. Com essas informações, a vinda para Irati se apresentava como possibilidade de tornarem-se proprietários de maior extensão de terras, que era um dos seus sonhos. Diversas famílias polonesas que viviam nos arredores de Curitiba, inclusive de Tomás Coelho, cuja maior imigração era da Galícia, passaram a conviver com a escassez de terras, problema que já vivenciavam na Polônia, transferiram-se para Irati.

Filipak (1980) no seu livro *Centenário da Família Filipak no Brasil*, aponta inúmeras famílias que para aí se deslocaram com o objetivo de tornarem as suas aspirações uma realidade.

## 5 A ESCOLA POLONESA EM IRATI

As Escolas Polonesas em Irati, como as demais no Brasil surgiram “[...] da necessidade elementar do colono alfabetizar a sua descendência, constituem-se numa importante etapa no processo de aculturação dos imigrantes no Brasil” (WACHOWICZ, 2002, p. 15). Distribuídos em colônias distantes, não havia escolas públicas para todos, razão que os levou a construir uma sede social onde pudessem se reunir e instalar uma escola.

Irati teve várias escolas de imigração polonesa. De acordo com Wachowicz (2002) em 1937, no Estado do Paraná havia 167 escolas polonesas; no município de Irati eram 10, sendo 8 leigas, 2 religiosas. Quanto a localização “3 eram na sede, 1 no Alto da Serra, 1 no Rio Bonito, 1 no Núcleo Irati, 1 no Rio da Prata e Cadeadinho, 1 em Itapera e Pinheiro, 1 em Conchinas e 1 em Pedra Preta.”. O número de alunos matriculados era de 444. Irati era a quinta cidade paranaense em matrículas, à frente estavam apenas os municípios de

Curitiba com 1213 alunos, Marechal Mallet com 579, União da Vitória com 525, São Mateus com 453.

A seguir serão apresentados, em ordem cronológica de fundação, dados referentes às três escolas frequentadas pelos entrevistados.

De acordo com Orreda (2007), a escola da Serra dos Nogueiras foi a primeira a ser fundada, pois segundo este mesmo autor foi aí que se instalou o primeiro núcleo de poloneses entre 1904 a 1911. A escola iniciou o seu funcionamento em 1913. A Sociedade denominava-se Henrik Sienkiewicz; foi fundada pelo polonês Eugênio Rodalinski que voltou para a Polônia e morreu em combate na 1ª Guerra Mundial. Consta que na década de 1920, a escola chegou a ter 70 alunos. Um de seus presidentes foi Alberto Kowalski. Uma professora, Makielka e de acordo com a entrevistada na sua época foi a polonesa Eugênia Koltcon.

Sobre a escola que funcionava onde hoje se encontra a Sociedade Beneficente Cultural Iratiense, também conhecido como Clube Polonês, de acordo com Orreda (2007, p. 9) “em 1916, João Wasilewski e Estanislau Strona lideraram a fundação de uma entidade que se chamou de *Towarzystwo Wolnosc-Sociedade Liberdade*”. Funcionava em dois turnos: português pela manhã e a tarde em polonês, sob a direção de uma comissão coordenadora. Era uma casa de madeira, com área na frente. Como o espaço era pequeno, José Smolka doou terreno e liderou a construção de sede mais ampla inaugurada em 22 de maio de 1921. *Wolnosc* recebeu em 1938, época da nacionalização do ensino, o nome de Sociedade Educadora José Smolka; em 1944, Sociedade Beneficente e Cultural Iratiense. Neste período, empresas e outras entidades que tivessem nomes estrangeiros tinham que traduzir para o português as suas denominações.

Entre os educadores que atuaram na escola, são mencionados Appolionusz Zarychta, João Zawora, Bárbara Hessel e Maria Ferrari dos Santos.



Em 23 de agosto de 1923, o Inspetor de Ensino, João Rodrigues, registrou o seguinte Termo de Visita:

em visita ao Collégio Particular desta Villa, sob a direção do professor Apolônio Zarychta, encontro presentes 19 alunos. Para que a lei sob as escolas particulares continue em vigor é necessário o Sr. professor lecionar o seguinte: Português, História Pátria, Geographia e bem assim ensinar o Hino Nacional. (ORREDA, 2007, p. 9).

Este termo possivelmente foi feito lembrando à escola o Código do Ensino de 1917, reavivado pelo nacionalismo após a 1ª guerra mundial. Sobre o ensino particular segundo Wachowicz (2002, p. 40) diz o código no seu art. 180 “é obrigatório, em todas as instituições particulares do curso primário ou secundário, nacionais ou estrangeiras, o ensino de Língua Portuguesa;”. Art.181:

não poderão receber quaisquer favores diretos ou indiretos do Estado ou Institutos as escolas particulares que não cumprirem os seguintes preceitos: parágrafo 2º ensinar a Corografia do Brasil, a história do Brasil e a Língua Portuguesa, ao menos de acordo com o programa oficial do curso primário. (WACHOWICZ, 2002, p. 40).

Mas os poloneses e seus descendentes, imbuídos de forte espírito religioso, tinham expectativas de ter uma escola religiosa. De acordo com Farah (2007, p. 84), “após solicitação à Congregação Vicentina da Polônia, eles aguardavam a vinda das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, a quem haviam doado um terreno com mais de cinco mil metros quadrados”.

A realização desse sonho aconteceu no dia 12 de agosto de 1930. As Irmãs Helena Olek e Edwirges Miketa foram recepcionadas com grande alegria na estação da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande do Sul. Vindas de Curitiba para instalar o Colégio para o qual já haviam recebido uma pequena área de terra, ao lado da Igreja São Miguel. Três dias depois ocorreu a fundação do Instituto Nossa Senhora das Graças. No dia 5 de março de 1931 iniciaram as aulas; no dia 6 de agosto desse mesmo ano aconteceu a instalação do jardim de infância (ORREDA, 2007).

Em 17 de fevereiro de 1931 tiveram início as obras do prédio de alvenaria, enquanto as aulas funcionavam no prédio provisório (ORREDA, 1972).

No Estado do Paraná, segundo Wachowicz (2002, p. 39), o Decreto nº 93 de 11 de março de 1901, estabelecia com relação ao ensino particular: art. 2º “é inteiramente livre aos particulares e associações o exercício do ensino primário, secundário e superior”; art.3º “os estabelecimentos particulares de instrução só estão sujeito à higiene, moralidade e estatística”. (WACHOWICZ, 2002, p. 39) A lei nº 894/1909, no art. 82:

é livre aos particulares e associações o exercício do ensino primário, secundário, profissional e artístico, em todo o território do Estado, obedecendo às disposições dos artigos seguintes: art. 83-“é obrigatório o ensino da língua nacional nas escolas primárias particulares, e nestas como nos demais estabelecimentos de instrução de qualquer natureza, o ensino será ministrado em língua vernácula, exceto quando se tratar de ensino prático de línguas estrangeiras. (WACHOWICZ, 2002, p. 39).

Como o estado não se interessava pela execução desta lei, permaneceu esquecida continuando o ensino sujeito ao decreto estadual nº 93 de 1901. Com o nacionalismo reavivado pela grande guerra, as autoridades paranaenses criaram em 1917 o “Código do Ensino” (WACHOWICZ, 2002 p. 40) como já colocado acima.

O cumprimento dos decretos não era observado pelo estado, até por falta de condições estruturais. De acordo com os depoimentos dos três alunos, as escolas aí elencadas até cumpriam, mas tinham um significativo espaço para continuarem ministrando aulas na língua do imigrante.

## 6 A ESCOLA POLONESA NA MEMÓRIA DOS SEUS ALUNOS

Reconstruir a história passa necessariamente pela evocação da memória, com todas as limitações que daí podem advir.

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis - temporais, topográficas, individuais, coletivas-dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (DELGADO, 2006, p.16).

Os dados que serão apresentados foram obtidos por meio da evocação da memória de três ex-alunos das escolas polonesas de Irati. “Na evocação que constitui a memória e com a qual também se faz história reconstituem-se traços de subjetividade e emoção, [...] com as diferentes emoções e sentimentos de homens e mulheres que atravessam o cotidiano ao longo da história” (FÉLIX, 2002, p. 24). Com todas as possibilidades de ocultamento, com as emoções, com as interpretações pessoais de cada entrevistado, representam um período da história

Entende-se que estes três alunos são a representação de um coletivo de cerca de 440 alunos que estudavam na época em escolas polonesas de Irati segundo registros de Wachowicz (2002).

São eles: um senhor e duas senhoras que serão identificados como A, B e C. Sujeito A, nasceu em 1925 - 87 anos, B nasceu em 1923 - 89 anos e C nasceu em 1926 - 86 anos. No período que frequentava a escola; A residia no centro da cidade de Irati, declarou que estudou dois a três anos na Escola *Towarzystwo Wolnosc*- Sociedade liberdade, que deve ser nos de 1933 a 1935, estudava só no turno em que o ensino era ministrado na maior parte do tempo em língua polonesa, e que o último ano da escola primária cursou em uma escola pública; B residia na zona rural, na localidade de Nhapindazal, estudou os quatro anos da escola primária no Colégio Nossa Senhora das Graças, de 1931 a 1934 no turno da manhã, que predominava o ensino em língua polonesa; C residia na zona rural, na localidade da Serra dos Nogueiras, cursou os quatro anos da escola primária, de 1935 a 1938 na

Escola da Serra dos Nogueiras e frequentava os dois turnos: pela manhã, das 9 às 12h com aulas durante a maior parte do tempo em língua polonesa e à tarde, das 13 às 17h somente em língua portuguesa.

As três escolas eram particulares. C declara: “[...] a escola que estudei não tinha nada a ver com o governo, os pais construíram a escola e pagavam o professor”. Este depoimento corrobora com o que Wachowicz (2002) coloca a respeito da atitude dos pais “se reuniam para deliberar sobre a construção da escola e construíam”. Neste período vivia-se sob a ditadura de Vargas e as atitudes nacionalistas já estavam sendo delineadas, mas não implementadas, talvez devido a escassez de recursos humanos e financeiros para o funcionamento das escolas. Recordo do envolvimento do meu pai e de um tio na construção da escola que era de madeira e também da fiscalização de um pai de aluno que era o presidente da sociedade e escola, em torno do trabalho da professora, o que evidencia o envolvimento da comunidade na causa da educação.

Quanto ao valor da mensalidade, os três entrevistados disseram que o valor era de três mil réis, que não têm muita noção a que corresponderia em valores atuais, mas lembram que não era valor alto.

Quanto ao número de professores, A respondeu que na Escola *Towarzystwo Wolnosc*- Sociedade Liberdade - tinha 3 a 4 professores; todos leigos, isto é, não eram religiosos, que a sala era grande e que todos estudavam na mesma classe, recorda que dois professores eram poloneses, e recorda muito de um que foi seu professor nos três anos, se chamava Zawora. B recorda que tinha 4 professoras que eram religiosas: Irmã Helena Olek a diretora, Irmã Zeferina sua professora nos 4 anos, Irmã Magdalena que distribuía remédios e a Irmã Irene que ministrava as aulas em língua portuguesa. Para cada série era destinada uma sala de aula. C coloca que na escola que frequentava tinha só uma professora, Eugênia Koltcon, não era religiosa, ministrava as aulas em língua polonesa pela manhã e portuguesa à tarde; as quatro séries ficavam

numa única sala, portanto era multiseriada. Meninos e meninas estudavam na mesma sala, mas as meninas ficavam de um lado e os meninos de outro, as carteiras eram em dupla. Junto da sala de aula havia quarto, sala e cozinha onde a professora residia.

Sobre as matérias que estudavam A declara que lembra de matemática, português, polonês, geografia e história da Polônia mais que do Brasil, canto e teatro; que faziam caligrafia e que tinham horário para cada matéria. Na sala estava afixado o mapa da Polônia e símbolos como a águia. Declarou que não tinham aula de religião. B relatou que estudavam língua polonesa, língua portuguesa, história da Polônia em língua polonesa, história do Brasil em língua portuguesa, o mesmo para geografia, matemática, caligrafia, ciências, desenho, religião em polonês, trabalhos manuais, canto, teatro. Lembra de muitos assuntos que eram estudados como o rio Vístola que é um dos principais da Polônia, sobre as cidades como Varsóvia, Cracóvia, e Gdansk com o seu grande porto. Na sala tinha o mapa da Polônia e a águia que era o seu símbolo.

A, lembrou que em geografia tinham que decorar o nome das ruas da cidade de Irati, que também desenhavam os rios, as cidades. Em matemática faziam muita conta e tinham que decorar a tabuada. Recorda que tinham um horário para cada matéria. Nos trabalhos manuais bordavam pano de parede. Esclarecendo, o pano de parede era um tecido normalmente de algodão, de aproximadamente 1m X 70 cm que era bordado normalmente com motivos da natureza e, afixado na parede em frente a pia da cozinha, para proteger a parede dos respingos de água quando a pia era utilizada.

C não recorda de matérias, mas lembra que a professora escrevia muito no quadro e dizia que os alunos tinham que copiar para que soubessem o que estavam escrevendo, que em seguida liam o que copiavam, que a professora falava que tinham que aprender a ler e escrever. Lembra de frases da cartilha: *diadio wieze shano* – vovó carrega/puxa o feno; *Olek sgubiu czapyk*- Olek perdeu o boné. A primeira frase de uso na

comunidade considerando que a população aqui era de camponeses assim como na Polônia; a segunda, de uso corriqueiro das crianças, mas o Olek um personagem da literatura infantil polonesa.

C recorda ainda que faziam caligrafia e muitas contas principalmente de dividir e multiplicar e tinham que saber a tabuada de cor. Na sala encontrava-se pendurado o mapa da Polônia, e a professora *uczewa rzeki z Brasili y z Polski*, isto é, “ensinava sobre os rios do Brasil e da Polônia.” Lembra que a professora falava muito de José Piosultski um herói da Polônia; lembra quando a professora falou que ele venceu uma batalha na Polônia. Tinha aula de canto, cantavam em polonês; em trabalhos manuais aprendeu a fazer crochê, fazia gorros; aprendeu a bordar, mas só o ponto bem simples chamado ponto atrás, bordava muito pano de parede. 3 de maio era uma data em que tinha apresentação de teatro. Destaca que não tinham aula de religião.

De acordo com os dados apresentados observa-se que nessas escolas era respeitado o “Código de Ensino” do Estado do Paraná de 1917, pois todas ensinavam Língua Portuguesa e Geografia e História do Brasil, em Língua Portuguesa, Mas predominava o ensino da Língua Polonesa.

Todos os entrevistados declararam que tinham aulas de teatro, que ensaiavam pequenas peças que apresentavam na própria escola, normalmente aos domingos e que os espectadores eram os pais. A comentou que participou de apresentações fora da escola. C comentou que na sua escola/sala de aula tinha um palco, mais alto que o nível da sala de aula, com cortina, onde eram feitas as apresentações teatrais. Estas normalmente eram aos domingos e os pais é que iam assistir. De acordo com Wachowicz (2002) uma das preocupações dos imigrantes era com a melhoria do nível cultural dos descendentes de poloneses e o teatro era um caminho alternativo, razão pela qual foi presença marcante.

Os cantos aparecem nos depoimentos dos três. A tinha aula de canto, cantavam canções polonesas e que em dias alternados cantavam o hino da Polônia e do Brasil, até cantou parte do hino polonês: *jeszcze Polska nie zginela kiedy my zyjemy[...] marsz, marsz Dabrowski, z ziemi wloskeji do Polski* isto é: “a Polônia ainda não desapareceu enquanto nós vivemos [...] avante, avante Dabrowski, da terra italiana para a Polônia.” B também tinha aula de cantos, cantavam canções polonesas e que em dias alternados cantavam o hino polonês e nacional. C declara que uma vez por semana a professora ensinava cantos poloneses, só cantavam, não tinham instrumentos musicais, mas diariamente cantavam o hino da polônia pela manhã e à tarde o hino do Brasil. Os cantos que aparecem com muita ênfase, sejam eles populares ou religiosos expressam todo o sentimento de um povo e são considerados fortes instrumentos de manutenção e transmissão da cultura.

Outro aspecto que chama atenção diz respeito aos símbolos nacionais como águia e o mapa da Polônia presentes nessas salas de aula, demonstrando a ênfase que era dada ao estudo dos aspectos geográficos e históricos da terra natal dos imigrantes, reforçando aquela cultura.

Quanto ao recreio A mencionou que jogavam basquete e voley. B recorda que comiam rapidamente o lanche que levavam de casa, normalmente pão feito em casa e esperavam a professora, religiosa, na porta do refeitório para acompanhá-la até a sala de aula, seguravam-na pela mão, disse que gostavam muito desta professora. O recreio sempre era acompanhado de uma professora/religiosa e que cantavam em polonês, lembra de uma cantiga simulando os passos para se levar roupas. C disse que o recreio era muito rápido, no máximo 15 minutos, comiam rápido o lanche que levavam, normalmente pão feito em casa, e conversavam bastante em polonês. Tinham maior tempo no intervalo do almoço. Os que moravam perto da escola iam almoçar em casa, os que moravam mais longe levavam um lanche, normalmente o pão feito em casa ou então iam ao armazém do Sr. Grychinski e compravam um doce para comer. No intervalo do almoço dava tempo para

brincar, faziam gangorra com uma tábua em cima de um toco de madeira. Eles mencionaram que toda a conversa era em polonês. Percebe-se que por meio da língua há uma reafirmação da cultura polonesa.

Quanto às aulas de religião observa-se que eram ministradas na escola frequentada por B que era de religiosas. A e C declararam que não tinham aula de religião, os professores destas escolas eram leigos. B declarou que iniciavam as atividades com uma oração como o Pai Nosso, Ave Maria, Creio em Deus. Rezavam o terço e a ladainha de Nossa Senhora, “tudo em polonês” diz B. Recorda que no ano de 1933 as Irmãs pediam muitas orações pela Polônia, porque naquele momento o país estava passando por uma crise; a cada hora solicitavam que dois alunos fossem até a Igreja São Miguel, que era ao lado, para interceder a Deus pela Polônia e pelos familiares das religiosas que lá estavam.

A, B e C disseram que tinham cartilha em polonês, levavam deveres para fazer em casa, que normalmente eram contas e segundo C também caligrafia.

Sobre a disciplina, para A e B os alunos eram disciplinados, ouviam o professor e faziam o que ele determinava. C diz que de modo geral eram disciplinados, mas que tinha “os que faziam aviãozinho e bolinhas de papel e que ao menor descuido da professora jogavam nos colegas.” E acrescentou: “pela manhã tinha mais conversa, pois a aula era em polonês e todos conheciam a língua, à tarde era em português e como era proibido falar em polonês não conversavam, era um silêncio na sala de aula”. Relata sobre uma aluna que urinou na sala, pois no turno da tarde não era permitido falar em português e ela não sabia pedir para ir ao banheiro. Esta é uma evidência de toda uma cultura que estava presente de forma muito acentuada.

C disse que uma das atividades extras era o desfile no dia 3 de maio na Rua Munhoz da Rocha e que não desfilavam no dia 7 de setembro. Esta data é muito significativa para os poloneses, pois é a data da Constituição democrática da Polônia. Que sempre vinham a pé, da Serra dos Nogueiras até a Munhoz da Rocha,

mas vinham muito contentes, acenando com as bandeirinhas com as cores polonesas, branca e vermelha. Lembra, ainda, de um ano em que um ônibus os buscou, tinham medo de entrar no ônibus, pois este não era o seu transporte corriqueiro; as famílias tinham como meio de locomoção as carroças. Foi o momento que perderam o medo do veículo motorizado, um avanço para a época na região.

Os três entrevistados declaram que tanto no recreio como na sala de aula se comunicavam com os colegas e professores só em língua polonesa. Pode-se dizer que a língua é o maior instrumento de preservação da cultura.

Os dados obtidos por meio das entrevistas apontam que os valores poloneses, estavam presentes nas atividades pedagógicas. O mais significativo é o ensino ser ministrado na própria língua dos imigrantes, essa expressa toda uma visão de mundo. As cartilhas, o símbolo, o mapa, as bandeirinhas, os personagens da literatura infantil como o Olek, o canto do hino nacional e demais canções polonesas, os conteúdos de história e geografia sobre a Polônia, as comemorações de 3 de maio, os vultos históricos poloneses reforçam a escola um instrumento de transmissão da cultura polonesa. Como já dito, vivia-se sob a ditadura de Vargas, e o imigrante estava na eminência de, diante de uma obrigação a assumir uma nova identidade, seguindo determinação do governo ditatorial brasileiro, num processo de fortalecimento das instituições nacionais, mas ao mesmo tempo, os imigrantes combatem essa imposição, mantendo, principalmente em casa a cultura trazida de sua origem.

Mesmo que o período escolar dos entrevistados tenha sido sob a ditadura de Vargas e devido a falta de estrutura das escolas públicas em recursos humanos como materiais, o período de funcionamento das escolas polonesas foi relativamente longo. Isto contribuiu para que a cultura fosse preservada por mais tempo. Após quase oito décadas, a oportunidade de obter dados de pessoas que viveram estas experiências, graças ao que se pode dizer que a cultura polonesa ainda permanece viva em nosso meio.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que os depoimentos retratam, a partir da memória dos entrevistados, uma época, com os seus objetivos, aspirações e também as possibilidades para a concretização desses objetivos. Os depoimentos apontam que nas escolas polonesas de Irati, frequentadas pelos três sujeitos entrevistados, eram fortalecidos os valores, as normas provenientes da cultura polonesa. Por meio dos depoimentos é possível perceber como os ideais dos imigrantes poloneses de alfabetizar seus descendentes estavam se concretizando e, além, a cultura estava sendo preservada. Percebendo a falta de escolas nas localidades onde estavam se instalando, não esperavam para que o governo construísse escolas e contratasse professores. As três escolas frequentadas pelos entrevistados resultaram da decisão dos próprios imigrantes pela edificação e contratação dos professores. Quanto a escola frequentada por B a edificação foi dirigida pelas religiosas, mas com as doações dos pais.

Em todas as escolas os pais assumiam os custos com pagamento de professor e materiais didáticos que os alunos utilizavam Assim seus descendentes eram alfabetizados, aprendiam a ler, escrever, calcular, cantar, representar, bordar. Fica evidente a preocupação com a melhoria do nível cultural dos descendentes. Embora, como diz Wachowicz (2002), as escolas tenham desempenhado importante papel na aculturação dos imigrantes e seus descendentes, os vínculos afetivos com a antiga pátria eram mantidos de maneira muito forte, isto fica evidente quando afirmam que nas três escolas diariamente cantavam os dois hinos: polonês e brasileiro, que estudavam a história e geografia daquele país, seus vultos históricos, que na sala de aula se encontrava o mapa da Polônia, a águia, que desfilavam no dia 3 de maio, que as cartilhas eram em polonês, assim como o diálogo entre professor e alunos e entres estes, tanto no horário de aula como nos intervalos era em polonês.

É preciso considerar as limitações deste trabalho. Foi realizado recorrendo para a memória dos entrevistados. Os dados aí colocados são a partir dos depoimentos dos entrevistados, mais de sete décadas se passaram e apesar de muitas informações prestadas por meio dos ricos depoimentos, muitos fatos talvez não tenham sido evocados pela memória, mas os evocados possibilitaram perceber que a escola foi instrumento de preservação da cultura.

Um trabalho de investigação normalmente oportuniza questionamentos. No contexto deste trabalho pergunta-se, até que ponto os imigrantes realizaram seus desejos de se tornarem proprietários, livres e alfabetizarem seus filhos? O trabalho pedagógico desenvolvido atendia às expectativas dos pais? Novas pesquisas poderão ser desenvolvidas para se responder a estas questões e outras que poderão surgir.

## REFERÊNCIAS

- CHELMICKI, Z. Trad. Dyminski, S. W. **Imigrantes poloneses no Brasil de 1891**. V.139. Brasília: Edições do Senado federal, 2010.
- DÉLGADO, L. de A. N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FARAH, A. L. S. GUIL, C. PHILIPPI, S. J. **Irati 100 anos**. Curitiba: Arte, 2008.
- FÉLIX, L. O. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO J. C. (org.). **Usos de memórias**. Política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF, 2002.
- FEREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FILIPAK, F. **Centenário no Brasil da família Filipak**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1980.
- IAROCHINSKI, U. **Saga dos polacos**. A Polônia e seus emigrantes no Brasil. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.
- KLEIMAN, F. **Visões da utopia**: entre Karl Mannheim e Russel Jacoby. Disponível em: <críticasocialista.wordpress.com/:visõesdautoipiaentrekarlmannheim>. Acesso em: 5 mar. 2012.
- KOZOWSKI, V. I. **Estes imigrantes entre outros**: imigração polonesa na serra gaúcha. Bento Gonçalves: V.i. Kozowski, 2003.
- ORREDA, J. M. **Irati**. Irati: EDIPAR, 1972.
- ORREDA, J. M. **Irati**. Educação. **Revista Educação**, n.6. Irati, 2007.
- RS. Cadernos de História. Memorial do RS. Voltaire Schilling. **Polônia**: a luta pela liberdade. Disponível em: <www.memorial.rs.gov.br/cadernos/polônia>. Acesso em: 6 mar. 2012.
- TEDESCO, J. C. (org.). **Usos de memória**. Política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF, 2002.
- TODOROV, T. **O Homem desenraizado**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.
- WACHOWICZ, R. C. **As escolas de colonização polonesa no Brasil**. Curitiba: Champagnat, 2002.
- WENCZENOVICZ, T. J. **Pequeninos poloneses**: cotidiano das crianças polonesas. [S.J.: s.n.] 2010.
- WOOWARD, K. et al. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

---

Recebido em: 27 de Dezembro de 2013  
Avaliado em: 21 de Fevereiro de 2014  
Aceito em: 24 de Fevereiro de 2014

---

**1. Professora assistente do departamento de Pedagogia da UNICENTRO – Campus de Irati-PR. Email: nelsipabis@gmail.com**

**2. Professor Adjunto do Departamento de História da UNICENTRO – Campus de Irati-PR. Email: mariosm51@ig.com.br**